

Resenha

Crítica das Ligações na Era da Técnica, Ligações_Links_Liasions



Fábio Ribeiro¹

Resenha de Miranda, José de Bragança & Cruz, Maria Teresa (org.) (2002) *Crítica das Ligações na Era da Técnica, Ligações_Links_Liasions*, Lisboa: Tropismos.

Um das maiores virtudes deste livro consiste, muito provavelmente, em convidar o(a) leitor(a) a refletir sobre um tema a partir de uma inscrição possível em duas áreas científicas importantes no âmbito genérico das Ciências da Comunicação, a sociologia da comunicação e a semiótica social. As duas quase que se abraçam ao mais fiel estilo de Vivien Leigh e Clark Gable no drama cinematográfico norte-americano de 1939, *Gone with the wind*. Se, à boa moda cinéfila, tivéssemos de escolher que disciplina mais se destaca, essa seria seguramente a semiótica social, pela insistência numa abordagem sensível à reprodução dos significados, neste caso da técnica na sociedade e na vida quotidiana. Naturalmente, este cruzamento temático não foi, de todo, deliberado. Em *Crítica das Ligações na Era da Técnica, Ligações_Links_Liasions* (Lisboa, Tropismos: 2001, ISBN: 972-95651-8-X, 336 pp. €19,50), José Bragança de Miranda e Maria Teresa Cruz colocam a questão das ligações no âmbito de uma sociedade marcada, como diz Paulo Cunha e Silva no prefácio, pelo novo «info-ser» (p.9), numa época em que «nunca tanto se falou de técnica» (p.11). Sendo o termo ligações um conceito tão vasto – e por que não ambíguo – de que forma é categorizada a ligação nesta contemporaneidade «profundamente marcada pelas tecnologias digitais»? (*ibidem*). O que talvez se torna importante constatar no final da leitura deste livro é o facto de muitas das questões colocadas permanecerem ainda sem resposta clara na atualidade.

Globamente, a obra estrutura-se em torno de cinco capítulos, onde vinte ensaístas refletem sobre diferentes tipos de ligação técnica: estranhas, livres, enredadas, perigosas e *on-off*. Na primeira, José Gil inscreve as relações que se pautam pela «loucura, crime e atracções estranhas (...) uma relação psicótica em que se investe imediatamente uma carga afetiva inconsciente à qual se responde de maneira semelhante» (pp.22-23). O tom de Gil recorda-nos algumas linhas de pensamento de diversos autores marcadamente ciber-pessimistas: «a cibercultura é uma nova cultura que convoca e ameaça absorver toda a experiência. Mais: ameaça reduzi-la e construir um outro mundo» (p.22). Considerações idênticas a autores como Blumer & Coleman (cit. em Hibberd, 2003: 53), que defendem que a Internet não oferece o potencial revitalizador para a crise do modelo de comunicação política. Além de privilegiar o lado apolítico da técnica, José Gil parece não admitir que a sua utiliza-

¹ Completou o doutoramento europeu em 2013, na Universidade do Minho (UM), em Ciências da Comunicação, na área de especialização de Sociologia da Comunicação e Informação, depois de ter cumprido um período de atividades de formação complementar no grupo de investigação PUBLIRADIO, da Universidade Autónoma de Barcelona. Coordena o Grupo de Trabalho dos Jovens Investigadores da SOPCOM, a Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação e é investigador integrado do Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade da UM.

ção não transborde para lá dos limites do desejo, uma análise aparentemente redutora, visto que a interação homem-máquina explicar-se-ia igualmente na base do trabalho, uma dependência oriunda desde a Revolução Industrial. Embora o desejo possa pautar a atualidade das ligações técnicas, esse argumento não deveria obter o exclusivo das justificações para a ligação.

No ensaio seguinte, Maria Teresa Cruz opta por seguir uma linha semelhante à de Gil introduzindo o domínio do «erotismo e paixões» (p.31). O psiquedelismo e a técnica andam de mão dada, uma vez que «provocaram não só a transformação do corpo e da alma» (p.36). A técnica – «o jugo de paixões» (ibidem) – mobiliza para a ligação, que, por sua vez, sugere influência e essa será, a julgar pelas palavras de Cruz, a tendência da nossa cultura atual. Ainda na terminologia de «ligações estranhas», Simon Penny e Laura Mulvey afastam-se ligeiramente dos discursos anteriores. Penny enquadra a questão das ligações no tema das simulações, ao nível dos videojogos, como poderosos instrumentos de treino que melhoram a coordenação sensório-motora, retomando uma ideia de Foucault (1977) para quem o treino do corpo desempenha uma ferramenta essencial para a formação dos cidadãos. Já Laura Mulvey aborda a questão do ponto de vista do cinema, uma vez que a sétima arte «deixou envolver-se na teia do progresso teleológico, pois acreditava num mundo melhor» (p. 67). Estes dois últimos autores consideram, portanto, que os videojogos e o cinema constituem ligações estranhas. Mulvey, contudo, parece não concretizar de que forma o cinema é, efectivamente, uma ligação «estranha».

Das ligações estranhas às «livres». José Augusto Mourão destaca a pertinência da liberdade com base nos autores clássicos: enquanto Montaigne considerava que «perverso é o que goza da imposição da sua vontade», Aristóteles afirmava que «livre é o que causa de si mesmo» (p.77). Numa análise mais técnica, Hermínio Martins explica que as ligações livres decorrem da chamada «Lei de Moore», uma lei que, apesar de o autor não precisar, indica que a potência computacional duplica a cada 18 meses. Sobre a expansão da liberdade das ligações, Brian Massumi acredita que não existe forma de contabilizar tudo, é «um comprimento impossível (...) – um tecno-solstício» (p.107). Fernando Pereira finaliza o capítulo, sugerindo que a ideia de liberdade fundou a modernidade e que a tecnologia observa e vigia tudo, em linha com a teoria do panóptico, o modelo de vigilância proposto por Jeremy Bentham (1785).

No capítulo seguinte, das «ligações enredadas», António Machuco Rosa explica de que forma as ligações podem, de facto, enredar-se, a partir do pânico, recordando um caso que ocorreu no Verão de 1999, no Algarve, sobre um alerta de maré gigante. O pânico que se instalou nos algarvios «foi criado não pelo que viram, mas pelas ligações que se criaram (...) o pânico é uma dinâmica que se propaga localmente numa rede de indivíduos progressivamente cada vez mais independentes» (p.148). Podemos considerar que existe, de certo modo, um nível de inconsciência neste tipo de ligação, um distanciamento face à realidade. Uma ideia sensível a Katherine Hayles: «a máquina é construída na expectativa, mais do que como objecto – a máquina é tangível, diante da qual já está sentado, já está morta» (p.168). No mundo das artes visuais, Delfim Sardo considera que, ao contrário da música, em que som se desenha

relação a outro som, «as imagens representam um movimento que não pode ser representado» (p.171). Miguel Leal não foge a esta metaforização, trabalhando as noções de ciberespaço em comparação com a pirataria. Os *hackers* são os piratas que navegam no ciberespaço, equivalente ao mar. A água – ou a rede – é a armadilha colocada aos piratas e aos novos artistas tecnológicos que se deixaram enredar. Os piratas, refere Leal, também se destacavam pela utopia da globalização, de dominação dos sete mares.

Mar, piratas, água. De imediato a nossa imaginação vislumbra o perigo, como na trilogia da saga cinematográfica *Pirata das Caraíbas*, o ponto para iniciar o debate sobre «ligações perigosas», a quarta categorização. Steven Shaviro assume com clareza: «conectar com alguém é a pior coisa que nos poderia acontecer. Toda a conexão tem um preço (...) mais cedo ou mais tarde teremos de a pagar» (p.197). O discurso negativo sobre redes não se esgota aqui. Os próprios circuitos elétricos – «uma extensão do sistema nervoso central» (McLuhan & Fiore, 1967) – constituem uma ameaça e o correio eletrônico, uma espécie de enxame de abelhas, responsável pelo «zumbir à volta das nossas cabeças». Maria Molder opta por uma ideia *suis generis*: a melhor forma de defesa do lado perigoso é «estar fora, desatualizado» (p.230). Molder considera que no *online* é fundamental saber distinguir entre realidade e simulacro, para escapar ao perigo. Por outro lado, Eduardo Prado Coelho problematiza a linguagem como um perigo colocado nas ligações, no entanto, não questiona de que forma a linguagem e o discurso na rede são, eventualmente, diferentes em relação ao registo presencial. Bojana Kunst encontra perigos no nível mais pessoal, ou como a própria identifica, nas «paisagens íntimas», uma rede de emoções líquidas, uma fusão do visível e do invisível» (p.243).

Estar fora ou estar dentro poderiam ser os elementos caracterizadores da última ligação estudada: as ligações *on/off*. José Bragança de Miranda defende que «todas as coisas estão ligadas, quer vejamos as conexões ou não» (p.259). Um dos pontos mais interessantes acaba por ser a forma como o autor inscreve as ligações nas redes sociais: «vivemos, nos nossos dias, no meio de «conexões», de «links», do «on-line», estamos votados à participação, à «interatividade». Algo de novo está a emergir» (*ibidem*). Bragança de Miranda não refere, contudo, quaisquer constrangimentos que a técnica sugere, uma vez que a tecnologia não consegue de *per se* desencadear movimentos interactivos e de participação. Faltaria discutir sobre a predisposição individual para a ligação à técnica. Ainda neste capítulo, Friedrich Kittler acredita que a condição *on/off* consiste numa «ficha», num «universo (...) onde tudo quanto lá está ajusta-se à sua grelha monótona» (p.281), nesta «marcha triunfal» do computador (p.279). Por último, Hélder Coelho enquadra a questão das ligações *on/off* na perspectiva de que o ciberespaço é composto por indivíduos com desejos ardentes de ligação, movidos pela curiosidade e interesse. Por seu turno, Roc Parès estabelece algumas considerações sobre a chamada «etologia de Z», um projeto que consiste na tentativa de Z [uma mosca virtual] indicar os percursos dos utilizadores pela Internet.

A partir de um múltiplo entendimento sobre a tecnologia e técnica, em que se concretizam aspetos preocupantes sobre a afeção e afetação tecnológica no humano e nas relações sociais, esta obra sugere um certo desencanto e negati-

vismo digital. Certamente, aponta caminhos para a reflexão sobre o papel que a digitalização opera no contexto da vida e da técnica, no entanto despreza um pouco considerações positivas sobre este universo, numa sensação algo sombria sobre a natureza de experiência de, glosando uma expressão cara ao texto, estar ligado e desligado. Em todo o caso, parece que foi pouco discutida a intervenção do humano nestas ligações, em que constam apontamentos interessantes de horizontes teóricos como a teoria do ator-rede (Actor-Network Theory – ANT), de Michel Callon, Bruno Latour, John Law, entre outros. Esta corrente de pensamento destinava-se a compreender todas as infraestruturas sociais, técnicas, culturais e humanas que concorrem para a inovação tecnológica e científica (Ribeiro, 2013). Para José Pinheiro Neves (2009), que sistematiza a teoria do ator-rede em diversos pontos, destina-se a valorizar a componente interpretativa e crítica que desmonta o papel da ciência e destaca a importância dos saberes práticos dos atores sociais: «a mudança implica processos de tradução, deslocação e inscrição durante a evolução e estabilização de um ator-rede» (2009: 3).

Em suma, *Crítica das Ligações na Era da Técnica, Ligações_Links_Liaisons* oferece um paradigma importante para a compreensão das ligações técnicas contemporâneas. Obriga a uma reflexão sobre a velocidade dos nossos dias, os perigosos trilhos da multiplicidade de ligações e, sobretudo, aponta a certa categorização de realidades, independentemente da nomenclatura adoptada. Uma obra, como refere Paulo Cunha e Silva na contracapa, de «reengenharia do conceito» de ligação.

Referências

- FOUCAULT, M. (1977). *Discipline and Punish*, Nova Iorque: Vintage.
- HIBBERD, M. (2003). E-Participation, Broadcasting and Democracy in the UK, In *Convergence: The International Journal of Research into New Media Technologies*, volume 9, pp.47-67.
- MCLUHAN, M. (1964). *Understanding Media: The Extensions of Man*. Nova Iorque: McGraw-Hill.
- MIRANDA, J. & Cruz, M. (org.) (2002). *Crítica das Ligações na Era da Técnica, Ligações_Links_Liaisons*. Lisboa: Tropismos.
- NEVES, J. (2009) ‘Os dilemas da sociologia da técnica: do construtivismo social à teoria do actor-rede’ [Online], *Economia e Sociologia*, [<http://pt.scribd.com/doc/43509133/Tecnica-Evora-jan2009>], acessado em 12-10-2010].
- RIBEIRO, F. (2013) *A participação dos cidadãos nos média nacionais: estímulos e constrangimentos*, Tese de doutoramento, Braga: Instituto de Ciências Sociais.